Relações entre educação e trabalho/emprego: construindo percursos de inserção profissional em música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Maria Odília de Quadros Pimentel
Universidade Federal da Paraíba – moquadros@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados parciais de uma tese em andamento que tem como objetivo geral compreender como músicos, egressos dos cursos técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais (CEM), estabelecem inter-relações da educação e formação, obtidas ao longo de suas vidas, com o seu trabalho/emprego. A partir da perspectiva de Alves (2005; 2008) que analisa as relações entre educação e trabalho/emprego, apresento em minha tese um constructo conceitual de inserção profissional do músico. Para defender o constructo, proponho a realização de entrevistas com egressos dos CEM, que participaram da minha pesquisa de mestrado. Neste trabalho apresento a análise da primeira entrevista realizada, apresentada no texto de qualificação.

Palavras-chave: Relação entre educação e trabalho/emprego; inserção profissional em música; educação e formação ao longo da vida.

Relationships between education and work/employment: building professional insertion paths in music

Abstract: This paper presents partial results of a thesis in progress that aims to understand how musicians, former students from the technical courses of the State Conservatories of Music of Minas Gerais (CEM), establish the interrelationships of education and lifelong learning with their work/employment. From the perspective of Alves (2005; 2008) that analyzes the relationship between education and work/employment, I present in my thesis a conceptual construct of professional insertion of the musician. To defend the construct, I propose to conduct interviews with former students of the CEM, who participated in my master's research. In this paper I present the analysis of the first interview, presented in the qualification text.

Keywords: Relationships between education and work/ employment; professional insertion paths in music; education and lifelong learning

1. Introdução

O presente trabalho apresenta resultados parciais de uma tese em andamento[1] que tem como objetivo geral compreender como músicos, egressos dos cursos técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais (CEM), estabelecem inter-relações da educação e formação, obtidas ao longo de suas vidas, com o seu trabalho/emprego. Através da construção e análise do meu percurso de inserção profissional; dos resultados dos meus estudos anteriores; da revisão da literatura da área; e dos conceitos de educação e formação ao longo da vida, trabalho, emprego, ocupação e músico profissional; além da perspectiva de Alves (2005; 2008) sobre as teorias que buscam analisar as relações entre educação e trabalho/emprego, apresento em minha tese um constructo conceitual de inserção profissional do músico que passa por uma educação formal. Para defender o constructo, proponho a

realização de entrevistas do tipo ativa, proposta por Gulbrium e Holstein (2003), com base na perspectiva construcionista, com egressos dos CEM, que participaram da minha pesquisa de mestrado (Pimentel, 2015) e afirmaram estarem inseridos exclusivamente ou parcialmente na área de música. Neste trabalho apresento a análise da primeira entrevista realizada, apresentada no texto de qualificação.

2. Percursos de inserção profissional

O principal conceito que norteou minha pesquisa de mestrado e que trago como o ponto de partida da minha tese é o conceito de inserção profissional proposto por Alves (2003). Para a autora inserção profissional é um **processo** que envolve a educação adquirida pelo indivíduo e o seu trabalho/emprego, cumprindo uma **lógica de percurso** marcado pela **não linearidade entre** os espaços de **educação e trabalho/emprego**.

De acordo com Alves (2005, p. 181-182), duas rupturas históricas marcam a emergência e a evolução da problemática das relações entre educação e trabalho/emprego, enquanto problema social e como objeto de investigação. A primeira delas trata da dissociação dos espaços de educação e trabalho, o que provoca a não linearidade entre os dois espaços, como comentado anteriormente. A segunda ruptura trata da dissociação entre a conclusão dos estudos e a obtenção de um emprego. Segundo Alves (2008), desde a década de 1970, a relação de associação direta entre diplomas, postos de trabalho e posições sociais vem sendo questionada e reequacionada.

Alves (2008, p. 70) pondera que as relações entre educação, trabalho e emprego devem ser analisadas segundo perspectivas que permitam considerar não apenas os fatores estruturais que influenciam as trajetórias do indivíduo, mas também o modo como esses se articulam com as suas particularidades e as particularidades dos seus percursos de vida. Neste tipo de análise o indivíduo é um produto complexo, fruto de processos de socialização múltiplos.

Alves (2008, p. 187-188) acredita que a evolução da Teoria do Capital Humano pressupõe o reconhecimento teórico e conceitual de que “a formação e construção da competência profissional não se restringe ao período prévio à entrada no mercado de trabalho”, mas vai muito além, podendo assumir diferentes formas segundo as características dos contextos organizacionais e das atividades laborais desenvolvidas pelos diplomados. Os percursos de inserção profissional são socialmente marcados, pois são influenciados por um conjunto diversificado e complexo de variáveis sociais, advindos das estratégias dos atores e ligados às suas trajetórias biográficas e às desigualdades sociais existentes em seu contexto.

3. Instrumento de coleta de dados e seleção dos participantes da pesquisa

Para cumprir o objetivo geral da pesquisa, faz-se necessário analisar todo o percurso de inserção profissional dos pesquisados. Acredito que, em muitos casos, tais percursos não estão plenamente evidentes para os egressos e que seria necessária uma construção conjunta entre pesquisadora e pesquisado. Em consequência disso, o instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista, sendo que busquei autores que defendessem um tipo de entrevista que atendesse às peculiaridades da pesquisa.

Gulbrium e Holstein (2003, p. 3) reconhecem que a presente era das entrevistas assumiu o que eles chamam de "sensibilidades pós-modernas". Diante disso, a entrevista na pós-modernidade passa a ter vários propósitos e o seu formato é construído tanto dentro da entrevista, como a partir de interesses de pesquisa pré-designados.

> Os papéis das entrevistas são menos claros do que eram antes; em alguns casos, são até trocados para promover novas oportunidades para entender a forma e a evolução dos eus e da experiência (...) *Reflexividade*, *poética* e *poder* são palavras de ordem enquanto o processo de entrevista é refratado através das lentes das linguagem, conhecimento, cultura e diferença. (GULBRIUM; HOLSTEIN, 2003, p. 3, tradução nossa, grifos dos autores)

Corroborando as ideias dos autores supracitados, Bastos e Santos (2013, p. 10-11), defendem a entrevista como um discurso "cooperativamente construído", ou seja, o entrevistado constrói com o entrevistador o discurso produzido durante as entrevistas. A entrevista é, portanto, um evento interacional, "no qual as pessoas articulam a produção de identidades sociais".

Portanto, concebo as entrevistas da presente pesquisa a partir da chamada entrevista ativa, defendida por Gulbrium e Holstein (2003, 67-80), com base na perspectiva construcionista.

> Conceber a entrevista como ativa significa atender mais aos modos pelos quais o conhecimento é reunido do que normalmente é o caso nas abordagens tradicionais. Em outras palavras, entender como o processo de construção de significado se desdobra na entrevista é tão crítico como apreender o que é solicitado e transmitido de forma substancial. Os meios de entrevista, é claro, refere-se aos procedimentos interativos e narrativos de produção de conhecimento, não somente aos procedimentos técnicos (GULBRIUM; HOLSTEIN, 2003, p. 68, tradução nossa)

Os egressos foram selecionados a partir da análise das suas respostas individuais dadas no questionário da minha pesquisa de mestrado. O *survey* realizado teve a participação de 315 egressos, mas foram analisadas apenas as respostas dos 54 egressos que afirmaram estar inseridos profissionalmente na área de música, de forma exclusiva, e dos 45 egressos

que afirmaram estar inseridos profissionalmente na área de música e em outra área profissional. A análise das respostas permitiu o acesso a informações singulares sobre os egressos, o que contribuiu para uma melhor definição dos perfis mais indicados para participar da pesquisa. Busquei selecionar egressos que apresentassem as mais diversificadas experiências, tanto na sua educação e formação ao longo da vida como nas experiências profissionais. Apesar de não ser prioridade, busquei formar uma amostra que apresentasse variedade de gênero, raça, faixa etária, CEM de origem e instrumento cursado no curso técnico. A seguir, apresento a análise do primeiro percurso de inserção profissional analisado.

A primeira entrevistada tinha no momento da entrevista 27 anos, era solteira e vivia em Montes Claros/MG, sua cidade natal. Ingressou no CEM Lorenzo Fernândez (CELF) aos 11 anos de idade e concluiu os cursos fundamental e técnico em violão. Antes disso, durante alguns meses, fez aulas particulares de violão com uma vizinha. É bacharel em Biomedicina pelas faculdades Pitágoras de Montes Claros e licenciada em Artes/Música pela Unimontes. Atualmente é professora particular de violão, musicalização, percepção musical, flauta doce e ukulelê. Suas aulas acontecem normalmente na casa dos seus alunos, localizadas principalmente em condomínios de luxo da cidade. Tem uma média de 25 alunos, distribuídos numa carga horária semanal de 30 horas, visto que alguns alunos fazem duas horas de aula por semana. A egressa escolheu o codinome Bachianinha, em referência à peça para violão Bachianinha nº 1, do compositor Paulinho Nogueira, música que ela toca e diz amar.

4. Análise do percurso de inserção profissional de Bachianinha

A principal influência musical familiar de Bachianinha veio do seu avô, que atuou em uma escola de samba em Montes Claros até o ano de 1994. Na família, todos se envolviam com os trabalhos da escola, os tios (homens) tocavam algum tipo instrumento e as mulheres ficavam responsáveis pelas roupas. “Meu avô ele tocava teclado, tocava sanfona, tocava violão, tudo que desse pra ele, ele tocava. Então eu sempre presenciei ele tocando, meus tios também...”

Na infância e adolescência, Bachianinha teve acesso a um repertório popular variado. Na escola de educação básica, ela afirma que teve pouquíssima vivência musical, que se resumia a músicas infantis, cantadas e ensinadas pelas professoras, as músicas cantadas na hora da oração e do hino nacional. Sobre as influências musicais de outros espaços, Bachianinha indica a influência de sua vizinha, que dava aulas particulares de violão e foi sua primeira professora. Também teve a oportunidade de vivenciar a música na igreja católica do seu bairro. Na igreja, ela teve a oportunidade de participar do coral e, somente quando já era adolescente e tinha se formado no conservatório, que eles a chamaram para tocar nas missas.

Apesar do acesso a vários tipos de instrumentos musicais em seu meio familiar, Bachianinha sempre quis tocar violão. Começou a fazer aulas particulares aos dez anos e em poucos meses ingressou no conservatório, concluindo os cursos fundamental e técnico. Chegou a interromper o curso técnico por um tempo, por ter dificuldades de conciliar com o curso de Biomedicina que, segundo ela, era muito pesado. Quando ainda estava no ensino médio começou a dar aulas particulares de violão. Bachianinha relata que, naquele tempo, ela tinha dois ou três alunos e cobrava bem abaixo do que era cobrado no mercado.

Ao terminar o ensino médio, prestou vestibular para Biomedicina e Artes/Música. Passou no primeiro com bolsa integral e ficou na lista de espera no segundo. Com bolsa integral do Programa Universidade para Todos (Prouni), graduou-se em Biomedicina. Bachianinha diz que sempre gostou de ter seu próprio dinheiro. Além das aulas particulares que dava em casa, trabalhou durante um tempo em uma empresa especializada em exames de imagens.

Quando ela estava no 5º período do curso de Biomedicina, sua professora particular lhe indicou uma pessoa que desejava fazer aulas de violão em sua casa e que ela não podia atender, que, coincidentemente, morava num condomínio próximo à faculdade que Bachianinha estudava. A partir deste aluno, Bachianinha afirma ter começado a "ganhar dinheiro de verdade", pois passou a cobrar o preço de mercado e a formar uma clientela nos condomínios próximos à faculdade. No início, ela tinha poucos alunos, mas estes foram fazendo propaganda sobre o seu trabalho e o número de alunos foi aumentando.

Bachianinha chegou a atuar na área de Biomedicina, trabalhando numa pesquisa sobre câncer bucal, num hospital da cidade, mas disse que ganhava muito pouco. Para a entrevistada, em Montes Claros, as oportunidades de trabalho para o graduado na área de Biomedicina são precárias, trabalha-se muito, tem uma grande responsabilidade, é estressante e recebe o mesmo salário de um técnico da área. Foi então que ela percebeu que estava ganhando mais dinheiro com a música e acabou deixando de atuar na área de Biomedicina. A partir disso, passou a trabalhar somente dando aulas particulares de música.

Dois anos depois de formar-se em Biomedicina, ela prestou o vestibular para Artes/Música, praticamente sem estudar, e foi aprovada.

> Eu amei ter feito, eu acho que eu estava precisando. Eu pensava assim: eu dou aula de violão, mas eu preciso ter uma formação em licenciatura, eu queria ter. Aí eu gostei, eu gostei do curso. Assim: na verdade, na verdade, eu queria um bacharelado, acho que a maioria das pessoas quer. Eu queria aperfeiçoar no tocar.

É notória a força da performance na vida do músico profissional, o que acaba por gerar uma crise identitária. Apesar de toda a sua renda provir de aulas de música, dela se cobrar por não ter uma formação em licenciatura, Bachianinha preferia um bacharelado, para aprimorar-se como violonista, a uma licenciatura, para aprimorar-se como professora de música. No curso de Artes/Música, Bachianinha envolveu-se com o projeto de extensão da Camerata de Violões da Unimontes, no qual ingressou desde o primeiro período e, contando com as greves que aconteceram durante o período da sua graduação, ficou quase seis anos no projeto. Afirma que a camerata lhe trouxe muito conhecimento, porque tocava em meio aos professores de violão da universidade. Foi a grande oportunidade que teve de viver a prática do instrumento. "Eu acredito que eu aprendi a parte do bacharelado toda na vivência com os meninos da camerata".

Bachianinha também participou de um festival de música em Juiz de Fora/MG, oportunidade que veio do seu vínculo com a Unimontes, e de masterclasses de violão, que aconteciam vez ou outra em sua cidade. Também costuma estudar por conta própria, aprendeu a tocar ukulelê sozinha, a partir do conhecimento de harmonia funcional e estruturação obtido em sua formação. Hoje ministra aulas do instrumento.

Bachianinha considera-se uma pessoa privilegiada, porque durante o seu percurso nunca esteve desempregada. Apesar de demonstrar querer tocar e aperfeiçoar sua performance, após a saída da Unimontes, no início de 2017, não teve mais oportunidades de tocar. Atualmente, atua exclusivamente com as aulas particulares e sua renda mensal varia entre R$2.000,00 a R$3.000,00.

Seu projeto profissional é construído de maneira bastante intuitiva, de acordo com o surgimento de oportunidades e de suas possibilidades. Fica comprovado mais uma vez a desvinculação do diploma na área de música com a legitimação da profissão. Bachianinha torna-se competitiva em sua atividade profissional antes mesmo de ter acesso ao ensino superior em música ou concluir o curso técnico do CELF. Ao optar por dar aulas de violão ao invés de atuar na área de formação superior, Bachianinha pensou não apenas na possibilidade de uma renda mensal maior, mas também foi guiada pela valorização e reconhecimento do seu trabalho, que encontrava ao ministrar suas aulas particulares.

Bachianinha começou a dar aulas particulares de violão a partir da sua formação no CELF, instituição que não tem como prioridade e foco a formação de um professor de música. Diante disso, é perceptível que a egressa vai sendo formada como professora de música de maneira instintiva, a partir das suas vivências no conservatório, do conhecimento adquirido relacionado ao violão, da relação com os seus mestres, e em outros contextos. Sobre

a sua relação com a docência, Bachianinha considera que sempre esteve envolvida com o ensino, pois acha que aprende muito ensinando as outras pessoas. Desde a escola de educação básica dava aula para colegas. No curso de Biomedicina, dava aulas de diversas disciplinas para os colegas que haviam sido reprovados, ganhando, assim, dinheiro para custear despesas na faculdade, como xerox.

Para Bachianinha, a passagem pela licenciatura em música não transformou a sua prática docente, concedeu-lhe apenas um "maior conhecimento musical". Ela ainda acrescenta que muitas das disciplinas pedagógicas "ficam no papel", na prática tem que ser feito diferente, tem que se adaptar, porque os alunos apresentam dificuldades distintas e isto faz com que as aulas também sejam organizadas e executadas de maneira distinta.

O depoimento de Bachianinha demonstra, em muitos momentos, que outras dimensões, distintas da dimensão econômica, interferem nas suas escolhas e decisões. Em relação à graduação em música, seus ganhos foram relativos ao aumento do seu conhecimento musical e de prestígio social e até mesmo pessoal, pois, uma vez que ela atuava como professora de música, ela se cobrava um diploma de licenciatura. Apesar de não haver aumento significativo monetário, uma vez que ela já cobrava o mesmo que professores graduados, a obtenção deste diploma contribuiu para assegurar a sua posição como professora de música.

Bachianinha afirma ter o sonho de fazer mestrado e doutorado na área de música e dar aulas no ensino superior. O que a faz se preocupar com seu futuro é a insegurança do seu trabalho. Sua atividade profissional é bastante sazonal, há meses em que ela ganha apenas 60% do que costuma ganhar. Ela diz não gostar de ficar estacionada e preocupa-se porque não será "jovem para sempre". Ela gosta muito de trabalhar indo às casas das pessoas, mas tem que ter muita disposição. Para ela, a insatisfação com o seu trabalho não está na falta de reconhecimento, mas pela insegurança, por ser, segundo ela, um trabalho "informal". Ela ainda relatou que está com princípio de hérnia de disco, resultante do seu deslocamento até as casas de seus alunos por meio de motocicleta, seu principal meio de transporte.

O percurso de inserção professional de Bachianinha, portanto, ainda não foi encerrado. Segundo Alves (2003), algumas vezes a estabilidade de emprego ocorre, mas não corresponde a uma atividade profissional gratificante, em harmonia com as suas aspirações e motivações, não se enquadrando no seu projeto pessoal e profissional. No percurso de Bachianinha vemos um movimento contrário, uma vez que ela está satisfeita com seu trabalho, se sente reconhecida, mas a falta de estabilidade a faz se preocupar com seu futuro.

6. Considerações finais

A precarização e flexibilização da atividade profissional de Bachianinha não foram empecilhos para que ela a escolhesse, mas são empecilhos que a fazem repensar o seu futuro profissional e reformular seu projeto pessoal e profissional. A musicista é enfática ao afirmar que não pretende abandonar a área de música, seu sonho profissional é ser professora universitária na área, mas no momento busca por algo que comprovadamente a área não costuma oferecer aos seus profissionais: estabilidade. O percurso analisado confirma resultados de meus estudos anteriores que apontam que a falta de estabilidade na profissão tem afastado músicos do seu ofício.

Arrematando a análise deste percurso, considero que a influência dos elementos subjetivos é muito clara no percurso de Bachianinha. A sua subjetividade, a forma como enfrenta os desafios, como se posiciona, como se valoriza e valoriza o seu trabalho fizeram toda a diferença para ser bem-sucedida profissionalmente. Além disso, a suas motivações e expectativas, a rede de relacionamentos criada, as oportunidades e escolhas harmonizam o trilhar do seu percurso. Os demais percursos, que serão construídos por meio das próximas entrevistas, proporcionarão um aprofundamento das reflexões sobre o conceito proposto.

Referências:

ALVES, Mariana Gaio. Como se entrelaçam a educação e o emprego? Contributos da investigação sobre licenciados, mestres e doutores. *Interacções*, Lisboa, n. 1, p. 179-201, 2005.

_____. Contributos para pensar a regulação entre educação, trabalho e emprego. In: ALVES, Mariana Gaio. et al. *Universidade e Formação ao Longo da Vida.* Lisboa: Celta Editora, 2008.

_____. *A Inserção Profissional de Diplomados de Ensino Superior numa Perspectiva Educativa*: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. 484 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

BASTOS, Liliana Cabral. SANTOS, William Soares dos. Entrevista Narrativa e pesquisa. In: BASTOS, Liliana Cabral. SANTOS, William Soares dos. (Orgs.) **A entrevista na pesquisa qualitativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

GUBRIUM, Jaber F. HOLSTEIN, James A. **Postmodern interviewing.** California: Sage Publications, 2003.

PIMENTEL. Maria Odília de Quadros. **Traços de Percursos de Inserção Profissional:** um estudo sobre egressos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 185 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Notas

[1] Pesquisa realizada na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Luis Ricardo Queiroz.